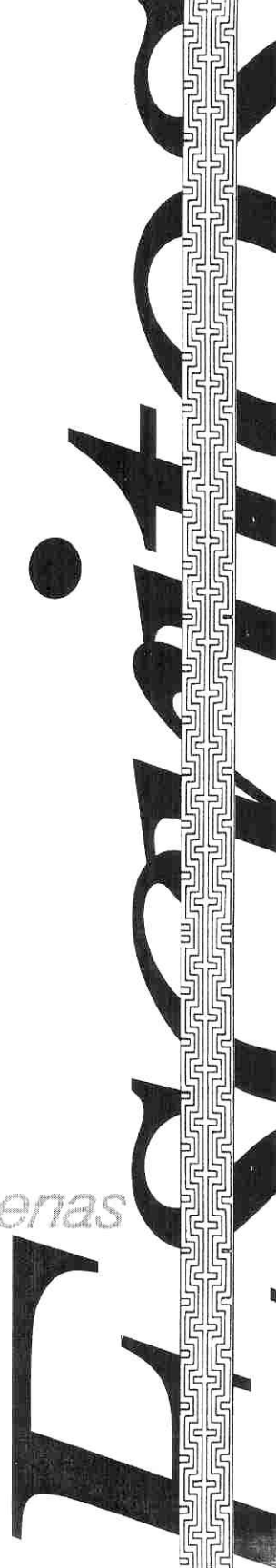


*Escritos indígenas*





# Fazendo pesquisa com meu povo

Enoque Batista – Ava Rendy'i

Durante a realização dos meus trabalhos do Projeto Ara Verá, pensei que fazer pesquisa com os mais velhos da aldeia seria uma tarefa simples. Mas, ao começar a pesquisar, vi que poderia ajudar a fortalecer a presença dos idosos na comunidade. Também percebi que não é fácil dialogar com as pessoas que não conhecemos, mesmo com os que conhecemos é difícil manter um diálogo mais profundo. Mas é importante ouvir as pessoas. Para ouvir é preciso examinar você mesmo, como você é, como você está se relacionando, vivendo com a comunidade. Só depois disso você pode dialogar com outras pessoas.

Foi isso que fiz durante o meu trabalho. Primeiro pensei: como vou conversar com as pessoas? Segundo, como eles me vêem na aldeia? Se sou uma pessoa honesta, desonesta ou zombadeira. Se sou alguém que cumprimenta os outros, se falo bem na minha língua e outras coisas que as pessoas tem na visão delas a meu respeito.

Pesquisa é um dos trabalhos pra gente ter um bom relacionamento com as pessoas mais experientes, com caciques, jovens, mulheres, idosas, idosos etc.

Gosto muito de conversar com as pessoas e nessa conversa pode surgir várias respostas para minhas pesquisas. Muitas vezes não preciso ir na casa das pessoas. Posso conversar na estrada, na reunião, na hora do tereré, na hora do chimarrão, no trabalho dela. Assim o entrevistado percebe que eu não estou indo para enganar ele.

Porque se ele me ver com a roupa chique, caneta na mão, caderno etc, as pessoas têm quatro modos de dar a resposta: corre, se esconde, fala nervoso ou dá as costas pra gente. Por isso é melhor não arriscar. Eu respeito muito as pessoas. Falo isso porque já aconteceu muitas vezes comigo.

Principalmente com o idoso ou a idosa, tem que usar roupa bem simples, shorts, chinelo ou descalço. Assim os vovôs vão

Kaiowá da aldeia Takuapery,  
Município de Coronel  
Sapucaia, Mato Grosso do  
Sul. Professor da escola  
indígena Nande Reko  
Arandu (Nosso viver e nosso  
aprender). Cursista do  
Magistério Indígena - turma  
II – Projeto Ara Verá.

me receber bem na casa deles. Isso é importante, e tem que falar bem na língua indígena, não usar empréstimo.

Não deixo também o entrevistado, depois de falar, sem incentivo. Sempre comento da história, do mito ou do conto, que são assuntos que ele gosta. Tudo que ele conta considero muito importante. Assim eles se sentem bem.

Aí que chegou o momento de você falar da sua pesquisa. No outro dia, pode trazer gravador, caderno, caneta para anotar. Tem que ouvir primeiro se gostou ou não. Só depois disso que eu levo o material de pesquisa e as pessoas se sentirão bem e eles mesmos convidam você para voltar outra vez.

\* \* \*

Meu nome é Enoque Batista, moro na aldeia Takuapiry, em Coronel Sapucaia, sou da etnia Kaiowá, casado, tenho vinte e nove anos, nasci no dia vinte e dois de Fevereiro de mil novecentos e setenta e seis, tenho três filhas, meu pai e minha mãe ainda estão vivos, somos treze irmãos.

As pessoas da minha comunidade são da etnia Kaiowá e Guarani. Sou professor na minha aldeia. Meu trabalho é mais na área de educação. Gosto de contribuir com minhas idéias com os colegas da escola, com os alunos e com a comunidade.

Comecei a dar aula no ano de mil novecentos e noventa e seis na sala Fernandes Martins, essa escola fica no fundo da aldeia, chama-se Cerro. Dei aula, inicialmente, para 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Primeiro passei um sufoco porque não sabia dar aula, nem por onde começar e terminar. Mas não desisti.

O planejamento era tudo mandado pela Secretaria Municipal de Educação, tive que aceitar. As disciplinas eram tudo na caixinha, separados. Ensinei tudo o que estava no livro. Não sabia nem para que serviria esse ensinamento, eu não tinha nem vontade de dar aula.

A secretária ou coordenadora pedagógica visitava de vez em quando. Mas eu não deixava de ensinar na língua.

Dentro da comunidade encontrei, nesse período, três tipos de pessoas: as que me elogiavam, as que se impressionavam e não acreditavam em mim e as que me discriminavam. Por outro lado, os pais e as mães dos alunos confiaram no meu trabalho. Por isso a comunidade local sem-

pre pedia para eu não sair mais de lá. Percebi então, que gostaram do meu trabalho.

Quando a primeira turma iniciou no Ara Verá, eu não gostava desse curso, eu era contra. Para mim o curso não iria ter valor. Porém depois que entrei, vi que o esclarecimento e o trabalho desenvolvido era muito bom. Um dia pensei: por que será que sou professor, pra quê ensinar as crianças?

Antes a minha idéia era que os alunos tinham que saber ler e escrever. Somente isso. Durante esse período participei de várias capacitações, encontros indígenas. E nesses encontros era pensado e voltado para a realidade da aldeia.

Depois de fazer o curso específico no Ara Verá, posso dizer que foi uma reflexão voltada para mim mesmo. Tive outras idéias e uma visão nova, mudou o meu modo de dar aula, o meu comportamento na aldeia. Passei a escutar mais os idosos contarem a nossa historia, nossa tradição. Chegou na minha idéia que queria incentivar esse conhecimento. Foi essa a importância do meu trabalho em geral, que é pensar uma forma para meus alunos reconhecerem o que é nosso.

Fiz um trabalho de conscientização com meus alunos para respeitar os mais idosos, aconselhei para não zombarem deles, incentivei para conversarem mais com eles, fazerem perguntas.

Hoje os alunos respeitam o idoso, a idosa. Quero ajudar mais e buscar mais e mais e pensar em como a comunidade possa se auto-valorizar.

Nesse momento chegou a idéia de mudar, em como pegar facilmente as informações, sem o idoso nem perceber. Para isso precisava mudar o meu comportamento, o meu modo de falar e de vestir. E dialogar com essas pessoas, porque na minha idéia as pessoas que entrevistei devem se sentir bem à vontade. Para isso a primeira coisa é não levar material, nem ir com roupa de moda, na casa da pessoa entrevistada. Só depois que mudei as minhas atitudes, peguei muitas informações, durante nosso diálogo surgiu várias respostas para minha pesquisa. Se algumas perguntas ele não responder marco outro dia para ir na casa dele. Antes é preciso perguntar se ele deixa ir na casa dele e levar o material de pesquisa para continuar a entrevista.

Assim consegui dialogar muito com as pessoas. Chamo minha pesquisa de reconciliação porque através dela cheguei mais perto dos caciques, idosos, dos mais novos. A pesquisa ajudou muito.

O professor pesquisador não deve marcar para ele mesmo o tempo de pegar informação, porque em qualquer dia surge a resposta que você quer. A seguir apresento um exemplo: quando pesquisava sobre cobra eu estava indo da escola e na estrada vi uma cobra morta, desci da bicicleta e observei tudo. Lembrei do que a professora do Ara Verá tinha pedido. No outro dia, na reunião, vi as pessoas conversando sobre a vítima que a cobra picou, perguntei e surgiram muitas respostas.

Hoje a pesquisa faz parte do meu dia a dia. Através dela me envolvo e me comprometo mais com a comunidade. A comunidade me conhece melhor e eu conheço melhor a minha comunidade. Ela reconhece e apóia o meu trabalho.

**Recebido em 27 de junho de 2005.**

**Aprovado para publicação em 3 de janeiro de 2006.**